

prendemos! - a cadeias antigas, a medos modernos, a idéias preconceituosas, a leis preconcebidas?

## BIBLIOGRAFIA

BESEN, José Artulino, *A Igreja do Espírito, segundo Joaquim de Fiori*, em *Encontros Teológicos* 18, ITESC, Florianópolis, 1995, 21-25.

BOFF, Leonardo, *Ecologia, Mundialização, Espiritualidade. A emergência de um novo paradigma*, Ática, São Paulo, 1993.

BOFF, Leonardo, *A Nova Era: Civilização planetária. Desafios à sociedade e ao cristianismo*, Ática, São Paulo, 1994.

BOFF, Leonardo, *Ecologia: grito da Terra, grito dos Pobres*, Ática, São Paulo, 1995.

BOFF, Leonardo, *Princípio-Terra. A volta à Terra como pátria comum*, Ática, São Paulo, 1995.

BOFF, Leonardo/ELIZONDO, Virgílio e outros, *Ecologia e pobreza. Grito da Terra, grito dos pobres*, número monográfico de *Concilium* 261, Vozes, Petrópolis, 1995.

CNBB, *Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil, 1991-1994*, Doc. 45, Paulinas, São Paulo, 1991.

CNBB, *Cristo liberta de todas as prisões*, Texto-base da Campanha da Fraternidade de 1997, Dom Bosco, São Paulo, 1996.

COLLANTES, Justo, *La fe de la Iglesia catolica*, BAC, Madrid, 1984.

FELLER, Vitor Galdino, *A Nova Era: religião do Espírito?*, em *Encontros Teológicos* 18, ITESC, Florianópolis, 1995, 45-49.

FELLER, Vitor Galdino, *Nova Era e fé cristã: mútua exclusão?*, em *REB* 218, Vozes, Petrópolis, junho 1995, 338-364.

FERNANDES, Rubem César, *Governo das almas. As denominações evangélicas no Grande Rio*, em ANTONIAZZI, Antônio e outros, *Nem anjos nem demônios. Interpretações*

*sociológicas do Pentecostalismo*, Vozes, Petrópolis, 1994, 163-203.

GARCÍA RUBIO, Alfonso, *Unidade na pluralidade. O ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*, Paulinas, São Paulo, 1989.

GARCÍA RUBIO, Alfonso e outros, *Reflexão cristã sobre a criação*, Loyola, São Paulo, 1992.

GOMES, Wilson, *Nem anjos nem demônios*, em ANTONIAZZI, Antônio e outros, *Nem anjos nem demônios. Interpretações sociológicas do Pentecostalismo*, Vozes, Petrópolis, 1994, 225-270.

JAMES, Carlos, *Análise de conjuntura religioso-ecclesial. Por onde andam as forças*, em *Perspectiva Teológica* 28, CES, Belo Horizonte, 1996, 157-182.

MARIZ, Cecília Loreto, *Libertação e ética. Uma análise do discurso de pentecostais que se recuperam do alcoolismo*, em ANTONIAZZI, Antônio e outros, *Nem anjos nem demônios. Interpretações sociológicas do Pentecostalismo*, Vozes, Petrópolis, 1994, 204-224.

METZ, Johann Baptist e outros, *Não há céu sem terra*, número monográfico de *Concilium* 236, Vozes, Petrópolis, 1991.

MOLTMANN, Jürgen, *Deus na criação. Doutrina ecológica da criação*, Vozes, Petrópolis, 1993.

ORO, Ivo Pedro, *O outro é o demônio. Uma análise sociológica do fundamentalismo*, Paulus, São Paulo, 1996.

RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis, *Teologia da Criação*, Loyola, São Paulo, 1989.

## Endereço do Autor:

Catedral Metropolitana - Casa Paroquial  
rua Arcipreste Paiva, 70  
88010-530 FLORIANÓPOLIS, SC

## Fraternidade e Encarcerados

# "Quando foi que te vimos preso"?

(Mt 25,39)

"Dizei aos cativos: Sai!  
E aos que estão nas trevas: Vinde à luz" (Is 49,9)

Pe. Juventino Kesting  
Professor de Teologia Pastoral

### 1. UM GRITO SURDO

**A**

Campanha da Fraternidade de 1997, com o tema "*Fraternidade e os Encarcerados*" e o lema "*Cristo liberta de todas as prisões*", desafia para uma dupla reflexão pastoral.

O primeiro objetivo direto é a realidade de tantos irmãos e irmãs que estão atrás das grades das

prisões. Reportagens, documentários e noticiosos têm ultimamente abordado, com frieza e realismo, a dura realidade desumana em que eles vivem. É um grito que atinge a raiz do coração e comove a sensibilidade humana. Ninguém vive tranquilo com a lembrança das prisões, quando aflora na consciência o sofrimento de homens e mulheres que lá estão, mesmo se merecidamente pelos delitos, ou mais vezes, como vítimas do sistema que gera a violência.

O lema "*Cristo liberta de todas as prisões*" também é um convite para descer aos porões da humanidade e perceber o grito de milhões de seres humanos "prisioneiros" de situações existenciais que afligem e destroem a dignidade humana. São filhos e filhas de Deus que carregam no coração o sonho da felicidade, mas esta, por condições estruturais, políticas e econômicas lhes é negada. Há no coração humano um grito surdo, que por vezes passa despercebido pelas multidões e mesmo pela ação pastoral e evangelizadora da Igreja. O sofrimento de tantos irmãos é bem maior que o que descrevemos em nossos discursos.

A temática da Campanha da Fraternidade também sinaliza para a realidade das "prisões" de milhões de pessoas que sofrem, que estão aprisionadas por situações existenciais, morais ou éticas, fora dos parâmetros das igrejas e das expressões religiosas.

Percebe-se assim que o campo de abrangência do universo da temática é amplo. Esbarra-se diante de questões sociais, econômicas, políticas e jurídicas, mas a temática também transita no campo dos direitos humanos, na interpretação dos códigos morais e dos princípios evangélicos.

Esta reflexão não tem por finalidade abordar especificamente a situação do preso enquanto recluso em cadeias ou penitenciárias, mas quer provocar uma reflexão mais ampla. Quer ser uma abordagem das situações que fogem do comum da pastoral e que necessitam atuação e atenção especial por parte da Igreja.

---

## 2. NA CONTRAMÃO

O final deste milênio, segundo palavras do Episcopado no Brasil, apresenta-se como um tempo propício para "rever as nossas atitudes e as nossas práticas pastorais". É convocação a uma conversão "para não repetir simplesmente as fórmulas do passado, mas buscar na evangelização novo ardor, novos métodos e novas expressões, em diálogo com a própria época, atenta aos sinais dos tempos".<sup>1</sup>

As fórmulas do passado produziram frutos. Mas não há como negar os sofrimentos e as exclusões na promoção da dignidade, nos direitos humanos e no campo pastoral. São milhões de pobres, miseráveis, presos, prostituídos, homossexuais, deficientes físicos e mentais, solitários, angustiados, drogados, casamentos desfeitos, mães solteiras... e tantos outros e outras, crucificados desta terra, filhos e filhas de Deus. Carregam no coração o sonho da vida e da ternura. Sentados à beira da estrada, como o cego de Jericó, com o olhar escancarado, com a boca ressequida, com o corpo ferido, com a dignidade humilhada, estendem a mão e clamam: "*Tem piedade de mim*" (Mt 20,30).

Não raras vezes a atuação pastoral e evangelizadora dos cristãos os tem deixado de lado porque andam na contramão da vida. Ultrapassam os parâmetros do estabelecido. Rastejam nos becos dos submundos. Contorcem-se no anonimato. Olham para o horizonte sem esperança. Contemplam os bens da terra sem deles usufruir. Choram a lágrima que não rola no rosto. Gemem a dor mais profunda do abandono. Vivem à margem. Atrapalham as avenidas e praças. *São carga em excesso no navio da humanidade.*

Mas há uma interpelação que inquieta o coração dos cristãos, e por que não, da humanidade: "*Eras tu, Senhor?*" (Mt 25,44). Esta interpelação toca no fundo do coração e faz rever nossas práticas pastorais.

No final deste milênio o cristianismo em especial, mas todos os homens e mulheres de boa vontade são interpelados para apostar numa nova postura pastoral e/ou humanitária.

A misericórdia e a solidariedade são eixos da solicitude pastoral. No dizer de JOÃO PAULO II: "O homem, na plena verdade da sua existência, do seu ser pessoal, do seu ser comunitário e social... este homem é o primeiro caminho que a Igreja deve percorrer no cumprimento de sua missão. Ele é a primeira e fundamental via da Igreja, via traçada pelo próprio Cristo e via que imutavelmente conduz através do mistério da encarnação e da redenção".<sup>2</sup> A prática da fé e as opções

---

*"um tempo propício para rever as nossas atitudes e as nossas práticas pastorais"*

---

pastorais manifestam um grau de compromisso e de compreensão da realidade no mistério grandioso que envolve o ser humano com a conseqüente atitude de acolhida nas suas mais diferentes situações. Urge, e aqui está o desafio, e mais do que o desafio, a credibilidade da presença dos cristãos na construção da história, a busca de novas práticas pastorais que ajudem a humanidade a se libertar das amarras das prisões.<sup>3</sup>

---

## 3. UMA IGREJA SOLIDÁRIA

Desde as origens, a Igreja se defronta com situações pastorais diversificadas. O advento do cristianismo é um fato decisivo na engrenagem da história. O respeito pela dignidade da pessoa é um "dom, uma energia" inerente ao ser humano. Mesmo os povos que não conheceram a revelação explícita de Deus, manifesta em Jesus Cristo, carregam no cora-

ção as "sementes do Verbo" que os fazem terem atitudes de compaixão para com os desvalidos da história.

A difusão do cristianismo pelas cidades gregas e pelo império romano trouxe em seu bojo uma nova postura frente à pessoa humana. O próprio Deus se fez pessoa e trilhou os caminhos da Galiléia e da Judéia. Ele se fez solidário com os pequenos, pobres, desvalidos, marginalizados, cegos, mudos, coxos, categorias, estas, excluídas da sociedade e portanto, prisioneiras de preconceitos, de interpretações falsas das leis. Jesus se faz esperança. Dizia: *"Venham a mim todos vocês que estão cansados de carregar o peso do seu fardo, e eu lhes darei descanso. Carreguem o meu jugo e aprendam de mim, porque sou manso e humilde de coração, e vocês encontrarão descanso para suas vidas"* (Mt 11,28-29).

Ao longo dos séculos, a encarnação do cristianismo na história, nas diversas culturas, ao lado de iniciativas louváveis, nem sempre conseguiu ser presença evangelizadora e libertadora de milhões de seres humanos que carregam no seu corpo as "prisões" advindas de situações sócio econômicas, políticas, culturais e existenciais.

Disto nos fala o Papa JOÃO PAULO: "Outro capítulo doloroso, sobre o qual os filhos da Igreja não podem deixar de tornar, com espírito aberto ao arrependimento, é a condescendência manifesta, especialmente nalguns séculos, perante métodos de intolerância ou até mesmo de violência no serviço à verdade". E continua: "No limiar do novo milênio, os cristãos devem pôr-se humildemente diante do Senhor, interrogando-se sobre responsabilidades que lhes cabem também nos males do nosso tempo. Na verdade, a época atual, a par de muitas luzes, apresenta também tantas sombras".<sup>4</sup>

A Igreja Católica no Brasil, mais a partir do Concílio Vaticano II, como sinal profético, buscou ser presença nas mais variadas situações da experiência humana. Basta citar as Campanhas da Fraternidade, especialmente a partir do ano de 1975. Os temas voltam-se para situações existenciais do povo brasileiro. As Assembléias Gerais dos Bispos do Brasil produziram documentos importantes que não só retratam a realidade, mas a denunciam e propõem mudanças de rumo. As *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora* carregam no seu bojo toda a realidade sofrida do povo brasileiro e indicam caminhos para uma ação mais eficaz junto aos sofridos e marginalizados.

"Participar da construção de uma sociedade justa e solidária, a serviço da vida e da esperança nas diferentes culturas, a caminho do Reino definitivo", enunciado final do objetivo da Igreja no Brasil, é incisivo: *participar* da construção de uma sociedade justa e fraterna. A participação é imperativo que

identifica a ação em prol da libertação de todas as situações que aprisionam a pessoa humana.

"A comunidade deve prestar particular atenção e procurar meios adequados para ir ao encontro das necessidade daquelas categorias de pessoas que, por sua condição de vida, mais dificilmente podem participar da *vida normal da comunidade cristã*. Lembremos sobretudo os migrantes, menores abandonados, anciãos, motoristas, operários com turno especial de trabalho, encarcerados, prostitutas, bóias-frias..."<sup>5</sup>

A Igreja estende sua solicitude pastoral não só para as situações normais, mas sinaliza para realidades que ultrapassam o comum da pastoral. Entender as situações diversificadas e agir em prol delas é gesto evangélico e libertador. Sem estes gestos, o agir pastoral fica estéril.

---

*"A ação em prol da libertação de todas as situações que aprisionam a pessoa humana"*

---

#### 4. DOIS HORIZONTES NUM MESMO RUMO

---

O horizonte das "prisões" é dura realidade em muitas pessoas. Quem já se sentiu aprisionado por alguma situação social, humana, existencial, ou moral, sabe avaliar o que isto representa dentro da experiência de vida de cada um. *O sofrimento vivido é maior do que o sofrimento relatado*. O maior perigo nos evangelizadores é o de não encarnar a dor do irmão. A insensibilidade apaga a força do anúncio e do testemunho.

Afora os limites de degenerações genéticas ou, na história da vida, adquiridas, cresce o número das "prisões" sociais e econômicas. O documento de Puebla classifica essas situações de flagelos: "Comprovamos, pois, como o mais devastador e humilhante flagelo, a situação de pobreza desumana em que vivem milhões de latino-americanos e que se exprime em mortalidade infantil, falta de moradia adequada, em problemas de saúde, salário de fome, desemprego e subemprego, desnutrição, migrações maciças".<sup>6</sup>

Mas há um outro horizonte, que por vezes se interlaça com as realidades sociais. É o horizonte dos que estão aprisionados por situações "morais, existenciais ou fora dos critérios normais da vida cristã". Pode-se citar, à guisa de elucidação, os que buscam uma segunda união matrimonial, ou os homossexuais. Sem entrar no mérito da culpabilidade ou das causas que geraram essas situações, é visível o grito de multidões que vivem sem rumo e sem respostas. Nem sempre a ação pastoral da Igreja tem-lhes dado aten-

ção, resposta animadora, ou indicação de caminhos de reintegração na convivência comunitária.

## 5. COMPARTILHAR AS ANGÚSTIAS.

O agir cristão não é neutro e nem insensível às formas de sofrimentos e de prisões. O cristianismo é por si uma religião de relacionamento. O mistério da encarnação trouxe uma novidade. Deus se comunica com a humanidade encarnando-se no seio da virgem Maria (Lc 1,38). Jesus se encarna na história, na realidade concreta. *"Ele tinha a condição divina, mas não se apegou à sua igualdade com Deus. Pelo contrário, esvaziou-se a si mesmo, assumindo a condição de servo e tornado semelhante aos homens. Assim, apresentando-se como simples homem, humilhou-se a si mesmo, tornando-se obediente até a morte e morte de cruz"* (Fl 2, 6-8). *"Ele tomou sobre si nossas enfermidades, carregou nossos sofrimentos. Foi esmagado por nossas iniquidades. Fomos curados graças às suas chagas"* (cf Is. 53, 1-12).

Encarnou-se na realidade humana e quis participar da aventura humana, tornando-se um de nós, pisando no chão, sujando as mãos, vivendo a realidade humana da dor, da lágrima, da fome, da miséria, compartilhando das esperanças e das buscas das pessoas. *"Não há mais distinção entre judeu e grego, porque todos têm um mesmo Senhor"* (Rm 10,12).

O fato do Cristianismo reverteu a história da humanidade. É um fato novo, radical, revolucionário. O *outro* não é mais objeto de exploração ou de dominação, mas é alguém relacionável, é irmão. A sociedade já não é dividida por classes, mas unificada pela fraternidade. Daí a afirmação dos Bispos em Puebla *"Compartilhar as angústias"*, *"ver no rosto de cada irmão o rosto de Cristo, o Senhor que questiona e interpela"*<sup>7</sup>.

Abriu-se para uma atitude de acolhida do outro, do irmão aprisionado, é o primeiro passo para uma verdadeira conversão. *"Uma Igreja a serviço não pode deixar de se confrontar com os problemas sociais brasileiros"*. Serviço concreto que atinja o homem e a sociedade por inteiro. Todo serviço é contribuição para a libertação da pessoa nos seus direitos civis, sociais e econômicos. No dizer de JOÃO PAULO II, essa atitude requer uma *"diaconia cultural"*.

O agir da Igreja, a luta pela restauração da vida, a promoção da dignidade humana, deve converter-se numa atitude de vida, num modo novo de ser e viver, numa *"expressão da diaconia da Igreja para com a sociedade"*. Uma diaconia cultural que deverá exercer-se com profundo sentido de diálogo, no pleno respeito da verdade e da caridade cristã.

*"Descobrir nos rostos sofredores dos pobres o rosto do Senhor é algo que desafia todos os cristãos a uma profunda conversão pessoal e eclesial"* Não há

mais lugar para um cristianismo amorfo, individualista e egoísta. *O cristão fechado em si é um contra-testemunho do evangelho.*

O cristianismo perde a sua originalidade se não vence o egoísmo. *"A solidariedade com todos os seres humanos é, para os cristãos de hoje, cidadãos de uma sociedade muito mais complexa que a do tempo de Jesus, uma exigência igualmente irrenunciável, intrínseca à própria fé em Deus, Pai de todos"*<sup>8</sup>. Essa compreensão leva a uma ação evangelizadora e pastoral que verdadeiramente se empenhe na luta contra a pobreza e exclusão que aprisionam milhões de seres humanos.

A *"Gaudium et Spes"*, no seu famoso parágrafo inicial, afirma que as *"alegrias e esperanças, as tristezas e angústias dos homens de hoje, devem ser as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo"* (GS 1). A solidariedade com milhões de pessoas que vivem uma angústia profunda, crises psíquicas, traumas afetivos, perda do sentido da vida, miséria absoluta... deve ser conteúdo da solicitude pastoral da Igreja e de todos os cristãos. *Ser insensível ao grito dos irmãos e dos povos é trair o Evangelho.*

## 6. SONHO DE DEUS

O ato criador de Deus é a manifestação mais plena do amor de Deus por suas criaturas. Criaturas chamadas à existência para participarem do amor, da bondade, da vida de Deus. Toda a criação é um hino de louvor ao Deus criador. O homem e a mulher, criados à *"imagem e semelhança de Deus"* (Gn 1,26) são a plenificação da criação. Criados para viverem o projeto da vida.

O pecado destrói essa harmonia. Mas Deus não abandona suas criaturas. Corre ao encontro delas. *"Adão, Adão onde estás? Por que te escondes? Por que tens medo?"* (cf Gn 2,9). Toda a história da salvação é a busca apaixonada de Deus pela humanidade. Ele não quer ver seus filhos e filhas no pecado, na escravidão, na prisão, no sofrimento.

Deus ouve, vê, conhece e toma iniciativa para libertar seu povo (Ex 3,7). Caminha com ele (Ex 13,21). *"Javé, Deus compassivo e misericordioso, lento para a cólera, rico em bondade e fidelidade que conserva a sua graça até mil gerações, que perdoa a iniquidade, a rebeldia e o pecado"* (Ex 34,6) é a experiência religiosa mais profunda do povo de

---

*"O cristianismo  
perde sua  
originalidade  
se não vence  
o egoísmo"*

---

Israel. É um Deus diferente de outros deuses. É um Deus apaixonado, que toma a iniciativa, que vai ao encontro de seus filhos e filhas. "Não oprimas nem maltrates o estrangeiro, pois vós fostes estrangeiros na terra do Egito. Não façais mal algum à viúva nem ao órfão. Se os maltratardes, gritarão por mim, e eu ouvirei o seu clamor, porque sou misericordioso" (Ex 22,20-26).

O profeta Isaías retrata essa utopia: "As desgraças de outrora serão esquecidas, pois vou criar

*"São milhões de seres humanos excluídos da festa da vida"*

novos céus e uma nova terra. O passado já não será lembrado. Será experimentada a alegria e felicidade eterna daquilo que vou criar. Farei de Jerusalém uma alegria, seu povo é destinado

ao júbilo. Não se ouvirão mais soluços, nem gritos. Serão construídas casas onde morarão, serão plantadas vinhas cujos frutos comerão. Não mais se plantará para que o inimigo se alimente. Lobo e cordeiro pastarão juntos. Nenhum mal, nem desordem será cometida" (cf Is 65,16-25)

No sonho de Deus ele nos quer livres de toda escravidão e opressão. Essa era a tônica dos profetas. O anúncio profético é uma interpelação para a construção de uma sociedade diferente, livre, sem injustiças e opressões.

Bem se expressa FABRETTI: "Javé, o Deus dos pobres, do povo sofredor. Sua mão sustenta o pobre, ninguém fica ao desabrigo. Dá sustento a quem tem fome, cura os corações feridos. Alimenta os nossos sonhos, mesmo dentro da prisão; ouve o grito do oprimido, que lhe toca o coração".

## 7. CRISTO LIBERTA DE TODAS AS PRISÕES

"Quando veio a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho" (Gl 4,4). Jesus se torna a plenitude dos tempos. O tempo da graça, da reconciliação, da misericórdia. "No seu amor nos predestinou, para sermos adotados como filhos seus por Jesus Cristo. Pelo seu sangue temos a redenção, a remissão dos pecados. Ele nos manifestou o misterioso desígnio de sua vontade... reunir em Cristo todas as coisas" (Ef, 1,5-9).

Jesus identifica a sua missão como "anunciar a Boa Nova aos pobres, sarar os corações contritos, anunciar aos cativos a redenção, aos cegos a restauração da vista, pôr em liberdade os cativos, publicar o ano da graça do Senhor" (Lc 4, 18-19).

Todo agir, ser e falar de Jesus foi uma coerência com este programa. Jesus veio para recompor a

vida, para libertar de todo tipo de mal. "Ele curou muitos que estavam oprimidos por diversas doenças e expulsou muitos demônios" (Mc 1,34). "Vendo a multidão, ficou tomado de compaixão, porque estavam enfraquecidos e abatidos como ovelhas sem pastor" (Mt 9,35).

Na parábola do bom samaritano (Lc 10,25-37) ele se faz acolhida. Apresenta-se como aquele que socorre, que cura as feridas, que pede hospedagem para oferecer um lugar seguro ao desvalido. Assume a dor da humanidade ferida. Acolhe o machucado e expoliado.

Na parábola do "filho pródigo", melhor chamada de "parábola do pai misericordioso" (Lc 15,11-32), o pai não só aceitou o filho de volta e o perdoou, mas fez muito mais. *Restituiu-lhe a dignidade de filho*. Deu-lhe manto, sandália e anel. A misericórdia de Jesus não é passiva ou parcial, mas total e libertadora. Nesta mesma parábola chama a atenção a atitude do filho mais velho. Julgava-se bom. Mas na hora de manifestar em gestos a sua bondade, faltou-lhe coerência. Recriminou o pai porque tinha acolhido o filho mais novo. E não quis participar da festa.

Essa mesma realidade acontece hoje. São milhões de seres humanos excluídos da festa da vida. É ainda pior quando, através de nossas atitudes, injustiças, egoísmos e pecados, impedimos os irmãos excluídos de participarem da festa da vida. *Reina uma mentalidade na sociedade materialista de que a festa da vida é direito de poucos*. A missão profética da Igreja, à luz dos critérios do Evangelho, denuncia essa mentalidade e anuncia uma nova sociedade, marcada pela justiça, fraternidade e partilha.

O seguimento de Jesus exige radicalidade. O amor pelos necessitados, a compaixão pelos desvalidos, a promoção do fraco e pequeno, a ação solidária e decisiva em prol dos sofredos e humilhados é critério de salvação. "A lista das obras que abrem a porta do céu e possibilitam entrar na alegria da presença de Deus: dar de comer a quem tem fome, dar de beber a quem tem sede, acolher os desabrigados, vestir os nus, socorrer os doentes, visitar os presos é a mais clara manifestação da identificação de Jesus com a pessoa humana".<sup>9</sup>

A prática de Jesus sinaliza na direção da bondade, da misericórdia, da compaixão e da libertação dos males que oprimem o homem por dentro e por fora. Jesus não propõe uma libertação parcial, mas total.

A missão de Jesus aponta para duas realidades inseparáveis: a missão, e as obras que a devem acompanhar. Os sinais do Reino se manifestam em ações concretas. "Ele curou muitos que estavam oprimidos por diversas doenças, e expulsou muitos demônios" (Mc 1,34). Com o leproso, "Jesus compadeceu-se dele e estendeu a mão, tocou-o e lhe disse: 'eu que-

ro, *sê curado*" (Mc 1,40). Ao paralítico: "*Eu te ordeno, levanta-te, toma o teu leito e vai para casa*" (Mc 2,11). Ao homem da mão seca, ordena: "*Estende a tua mão... e a mão ficou curada*" (Mc 3,5). À mulher doente diz carinhosamente: "*Filha, a tua fé te salvou. Vai em paz, sê curada do teu mal*" (Mc 5,34). Ao surdo-mudo faz um ritual de atenção: "*Jesus tomou-o à parte dentre o povo, pôs-lhe o dedo nos ouvidos, tocou-lhe a língua com saliva. E levantou os olhos aos céus, deu um suspiro e disse 'efeta'*" (Mc 7,33-34). Ao cego, Jesus "*impôs as mãos nos olhos, e ele começou a ver e ficou curado*" (Mc 8,25). Com o cego Bartimeu, "*Jesus parou e disse 'chamai-o' e perguntou: 'o queres que te faça'?*" (Mc 10,46-52).

A atitude de Jesus frente às diversas situações e pessoas tem sempre um movimento dinâmico: atenção, gesto, palavras, cura-libertadora e ânimo para continuar a vida, liberta das amarras do mal e do pecado. A atitude fundamental é o amor, a ternura, o respeito pela pessoa. A prática de Jesus é referencial para o agir cristão.

## 8. OLHAR DE MISERICÓRDIA

O olhar de Deus, o olhar do homem. Qual é o olhar de Deus? Quais são os pensamentos de Deus? Ele é acima de tudo bondade, misericórdia, justiça e amor. É nesta interrogação que a pastoral deve buscar a sua força inspiradora.

Antes de uma ação pastoral ou de uma decisão diante das pessoas, faz-se necessário esta interpelação: O que Jesus Cristo faria neste momento? Como ele agiu, falou, interpretou a mesma realidade em seu tempo?

O agir da Igreja, para ser fiel à sua missão, precisa ser um sinal. Sinal de acolhida, de perdão, de libertação. "Com a mensagem evangélica, a Igreja oferece uma força libertadora e criadora de desenvolvimento, exatamente porque leva à conversão do coração e da mentalidade, faz reconhecer a dignidade de cada pessoa, predispõe à solidariedade, ao compromisso e ao serviço dos irmãos, insere o ser humano no projeto de Deus, que é a construção do Reino de paz e de justiça, já a partir desta vida"<sup>10</sup>.

Esta afirmação sinaliza para uma ação em prol da pessoa como centro de toda a atenção pastoral e para uma presença mais significativa da Igreja na construção da sociedade, com relações mais fraternas a serviço da vida.

A Igreja não só proclama uma doutrina social, ou princípios éticos, mas deve prestar serviços concretos à sociedade, principalmente na solidariedade com os pobres e oprimidos que clamam por justiça, libertação, respeito de sua dignidade e por mais vida.

O "Projeto Rumo ao Novo Milênio" aponta o *serviço* como uma das exigências da evangelização inculturada. Uma Igreja a serviço não pode deixar de

se confrontar com os problemas sociais. Serviço como colaboração na construção da sociedade em prol dos pobres, a fim de responder efetivamente através de uma atuação evangelizadora para transformar as pessoas e as estruturas que aprisionam a humanidade e deixam milhões de seres humanos na mais degradante situação de vida.

O Serviço é o testemunho concreto dos cristãos na construção da história. É o contributo na defesa e promoção dos direitos civis, sociais e econômicos. O desrespeito a esses direitos traz o triste quadro de um mundo marcado por divisões de classes que geram o contingente dos pobres, dos miseráveis, dos oprimidos da humanidade.

O quadro da distribuição das rendas mostra onde e quem está sofrendo na humanidade. "Em 1990, o segmento 1% mais rico aumentou a sua participação para 14,6% da renda total do mundo, e os 50% mais pobres tiveram a sua cota de renda diminuída para 11,2%, aprofundando a diferença entre a maioria pobre e a minoria rica".<sup>11</sup>

Esse é o quadro desafiador que os cristãos têm diante de si. Neste momento histórico, no final do milênio, o grito dos pobres, dos oprimidos, dos presos, dos desvalidos, é uma interpelação que deve atingir o âmago da consciência dos cristãos e a raiz das opções pastorais. "Uma comunidade insensível às necessidades dos irmãos é um contra-testemunho, que celebra a liturgia indignamente".<sup>12</sup>

## 9. BUSCANDO CAMINHOS

A Igreja existe em primeiro lugar para *testemunhar o Evangelho e pôr-se a serviço* através da adesão pessoal e comunitária ao seguimento do Senhor Jesus para, no dia-a-dia, vivenciar a sua prática. Esse *testemunho-serviço* acontece através da encarnação da Igreja na realidade concreta, como sinal de vida e de esperança. Jesus Cristo nos envia para *pregar*, para *anunciar*, para *fazer discípulos*, e assim *construir a pessoa e a sociedade segundo o projeto do Pai*. A proposta de Jesus é concreta. A opção pelo Reino e pela construção da história a serviço da vida é o núcleo central da evangelização.

"Quando te vimos preso?" (Mt 25,39.44) Esta interrogação inquieta o coração humano. Não há como ficar insensível frente ao grito de tantos irmãos. No grito de cada irmão, de cada irmã, está o grito de Jesus Cristo.

A Campanha da Fraternidade é conteúdo de conversão mais uma vez, nesta quaresma. Não se trata só de olhar para o outro e condeer-se, o que já é uma atitude louvável, mas trata-se de me identificar com cada pessoa que sofre e ver nela o rosto de Jesus que interpela. Esse olhar atinge o âmago das razões e da prática de nossa fé e de nosso engajamento pastoral, e nos leva à ação.

A Campanha da Fraternidade é oportunidade para avaliarmos a qualidade de nossas atitudes e de nossos relacionamentos. Por vezes somos demasiadamente preocupados com as normas, com o cumprimento das leis e nos esquecemos da pessoa humana. *A pessoa é o critério básico da ação evangelizadora.*

É tempo de privilegiar e investir na pessoa. Promover a qualidade de vida. Isto requer do evangelizador uma profunda atitude de identificação com o modo de agir de Jesus Cristo. Atitude de acolhida, de ternura, de misericórdia, de bondade, de ir ao encontro, de carregar a ovelha desgarrada nos ombros sem recriminá-la, mas alegrar-se porque está sendo trazida para o abrigo onde é novamente tratada e acolhida.

A atuação pastoral não pode passar somente pelas normas estabelecidas, mas principalmente pelo coração. "Rever nossas atitudes para não simplesmente repetir as fórmulas do passado" é o chamado de JOÃO PAULO II.

Os cristãos, como Jesus, hoje são chamados a porem-se a serviço da cura das feridas da humanidade. Sem esse serviço, a evangelização perde a sua

credibilidade. Isto requer conversão de posturas, de dogmatismos, de práticas.

## NOTAS

<sup>1</sup> CNBB, "Projeto Rumo ao Novo Milênio", doc 56, pg. 11-13

<sup>2</sup> JOÃO PAULO II, "do Episcopado *O Redentor do Homem*", Ed. Paulinas, SP, nº14

<sup>3</sup> CELAM, "Conclusões da IV Conferência do Episcopado Latino-Americano", Santo Domingo, nn. 179 a 181

<sup>4</sup> JOÃO PAULO II, "Tertio Millennio Adveniente", Paulus, 1994, nº 355

<sup>5</sup> CNBB, "Catequese Renovada, orientações e conteúdos", doc. 26, nº 143

<sup>6</sup> CELAM, III Conferência, Puebla, nº 30

<sup>7</sup> CELAM, idem, nº 27 e ss.

<sup>8</sup> CNBB, "Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil", Ed. Paulinas, 1995, nº 191

<sup>9</sup> CNBB, "Texto base da CF 97", nº 236

<sup>10</sup> JOÃO PAULO II, "Redemptoris Missio", Ed. Paulinas, 1991, nº 59

<sup>11</sup> BASSEGIO, L., "O que é Pastoral Social", in "Vida Pastoral", Ed. Paulinas, maio-junho 1994.

<sup>12</sup> CNBB, op.cit. nº 197

## Endereço do Autor:

Caixa postal 5073  
88040-970 FLORIANÓPOLIS, SC

## Fraternidade e Encarcerados

# Jesus e as Comunidades: Caminho de amor e vida

- O Novo povo de Deus na Perspectiva  
do Evangelho de Marcos -

Pe. Celso Loraschi  
Professor de Exegese Bíblica

**P**ara a compreensão da idéia de comunidade no evangelho de Marcos, devemos, antes de mais nada, ter presente a realidade a partir da qual emergiu este evangelho. Devemos também reportar-nos ao próprio ministério do Jesus histórico, da maneira como Marcos o apresenta.

Faremos isto aprofundando alguns termos que têm íntima ligação com o próprio ser e agir das comunidades de Marcos. Estes termos são: *casa, barca, montanha e deserto*. Aprofundaremos também grupos que aparecem em Marcos na perspectiva da formação da "nova comunidade": *os Doze, os Discipulos e Discipulas*.